

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Bahia Hoje		
Data		
09-12-95		
Caderno	Página	
1-	8	
Seção		
Assunto		
IGREJA		
Mestre de S. Bento		

O retrato vivo de D. Amoroso

VALBER CARVALHO

O jornalista Diogo Tavares lança no próxima quarta-feira, 13, na recém-restaurada Biblioteca do Mosteiro de São Bento, o livro *O milagre de Dom Amoroso*. São 270 páginas sobre Dom Timóteo Amoroso Anastácio que, durante 16 anos, foi o abade (autoridade máxima) do Mosteiro de São Bento, em Salvador.

O atual abade do mosteiro Dom Emanuel d'Able; o ex-seminarista e hoje diretor da Revista Imprensa de São Paulo, Sinval Leão e a prefeita de Salvador e ex-militante estudantil Lídice da Mata, assinam o prefácio. Na oportunidade, a prefeitura vai conceder post-mortem a Medalha 2 de Julho a Dom Timóteo.

Em *A Porta* descreve a famosa invasão do Mosteiro de São Bento por tropas da Polícia Militar para prender estudantes, em 1968. *O Cometa* narra o período que vai do nascimento do monge até sua entrada no mosteiro beneditino do Rio de Janeiro, em 31 de março de 1940. Coincidentemente, 24 anos antes da eclosão do golpe militar que tanto combateria, à sua maneira de enfrentar ditaduras.

O terceiro capítulo tem o nome *Abade de Omolu* e revela a singular convivência de uma autoridade católica com o candomblé. Simpático aos princípios do Concílio Vaticano II, que orientava os líderes católicos a buscar falar a linguagem do povo, ele celebrou uma missa na igreja do mosteiro de Salvador ao som de violão, cavaquinho, ataba-



O mosteiro de São Bento serviu de local para que o "eterno abade" manifestasse sua atenção pelo que se passa no mundo

Timóteo. O livro é o resultado de várias entrevistas concedidas ao autor e a também jornalista Olívia Soares. "A história de vida dele me impressionou muito", conta. Ele revela ter pensado o livro como uma sinopse.

No início, Dom Timóteo - nascido Luís Antônio Amoroso Anastácio - se mostrou relutante: "Por que fazer um livro sobre mim? Minha vida não tem nada demais", dizia. Depois, se entregou de corpo e alma ao projeto.

Em longas entrevistas guardadas em cinco horas de fita - que o autor considera a parte mais importante do livro - ele se abriu por inteiro. Falou de sexo, religião, candomblé, filosofia e cosmos. Era seduzido pela estética cósmica dos cometas: "O cometa dá a luz sem se saber de onde ele vem. Além disso, não se sabe quando vai voltar e se vai voltar", costumava afirmar. Normal para quem nasceu em 1910, ano em que o cometa Halley fez uma fantástica aparição nos céus.

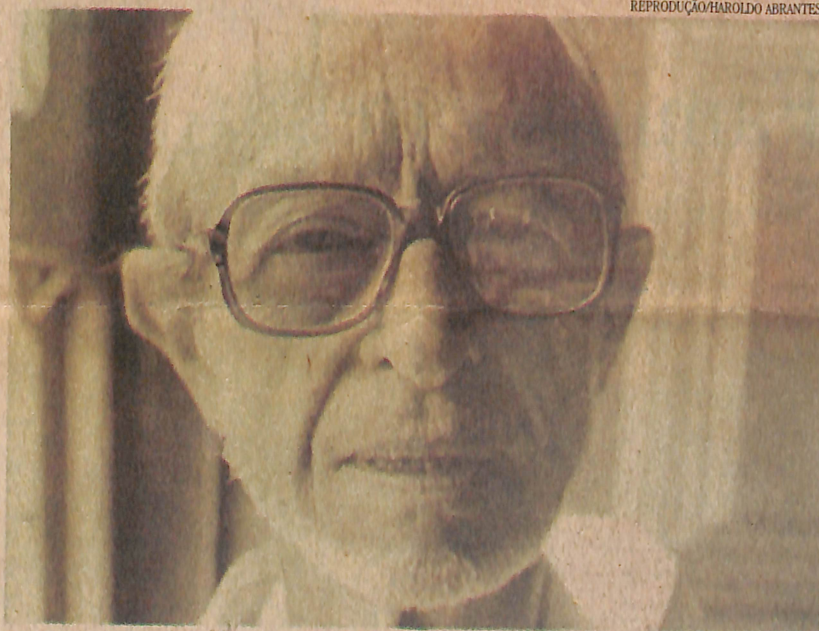
O jornalista dividiu o livro em três partes: a primeira é uma narrativa sobre os 84 anos de vida de Dom Timóteo, depois fotos do abade e, por último, as entrevistas. A primeira foi novamente repartida em cinco capítulos: *A Porta*, *O Cometa*, *Abade de Omolu*, *O Mosteiro* e *O Milagre*. "O livro começa numa passeata estudantil em 1968 e termina em 1968", revela Tavares. Em cada uma, o autor conta que buscou uma linguagem literária sem perder a objetividade da narrativa jornalística.

na igreja do mosteiro de Salvador ao som de violão, cavaquinho, atabaques e berimbaus. Os jornais da época estamparam manchetes de espanto. Foi denunciado ao Vaticano.

Para acabar com aquela permissividade ecumênica, o então arcebispo co-adjutor Dom Eugênio Sales lhe ordenou: "Vá conhecer melhor o candomblé". O tiro saiu pela culatra porque ele fez amizade com as mais importantes mães de santo da Bahia. Unâimes, elas sustentavam que o abade - constante vítima de problemas de pele e circulação - era afilhado de Omolu, orixá cujo temperamento reservado só explode em momentos superlativos. Foi assim que ele denunciou à sociedade a invasão do mosteiro, episódio que sucedeu a famosa passeata onde sete estudantes e um policial foram feridos à bala.

No quarto capítulo, *O Mosteiro* o autor conta a história do Mosteiro de São Bento em Salvador. Construído em 1582, o mais antigo mosteiro dos três continentes chamados de Novo Mundo - América, África e Oceania - tem também a segunda mais importante biblioteca de livros raros do país. Era lá que passava incontáveis tardes nos 29 anos que viveu no claustro em Salvador.

O Milagre, último capítulo, é um segredo que o autor se recusa a revelar para não perder a "graça" da obra. Se estivesse vivo, Dom Timóteo falaria por certo, uma de suas frases preferidas: "Cada pessoa tem um milagre para contar".



REPRODUÇÃO/HAROLDO ABRANTES

D. Amoroso ficou conhecido por ser o "grande conselheiro"



VALTER PONTES

Carlos Sarno considerava ele como "um santo"

A vida de uma figura firme

A prefeita Lídice da Mata, 39 anos, uma das personalidades que escreve o prefácio de *O Milagre de Dom Amoroso*, conta que conheceu Dom Timóteo no final da década de 70. Período da luta pela anistia. O abade cedia o mosteiro para servir de sede para as reuniões clandestinas da entidade chamada Trabalho Conjunto que aglutinava diferentes categorias dispostas a pressionar o governo para conceder anistia a centenas de militantes políticos que ainda mofavam na cadeia.

"Dom Timóteo era uma figura fisicamente frágil mas tinha uma firmeza ideológica muito grande", revela. Ela continua: "Mesmo quando discordavam de suas posições, todos os militantes tinham respeito e admiração por ele".

Durante as décadas negras da ditadura militar, 60 e 70, Dom Timóteo ficou conhecido pela coragem com que denunciava torturas e agressões a presos políticos. "Ele fazia a repressão recuar", afirmam combatentes da época. O deputado federal comunista Haroldo Lima, testemunha que foi a atuação de Dom Timóteo que lhe resgatou a vida quando esteve preso.

Carlos Sarno, publicitário e dono da Engenhonovo, ausente do livro "por falta de tempo" escreveu um emocionado depoimento para essa reportagem. "Ele foi a pessoa mais próxima do que pode ser um santo, que conheci até hoje", conclui. Segundo Sarno, autor de uma peça teatral nunca encenada em palcos: *As Aventuras e Desventuras de um Estudante* - que Dom Timóteo sem-

pre incentivou, a ponto de permitir que construíssem um palco no mosteiro, especialmente para a peça proibida - ele esteve sempre próximo de todos os que sofreram naquela época. "Quando fui preso, ele testemunhou corajoso em minha defesa como fez com muitos outros", revela.

O atual abade do Mosteiro de São Bento, Emanuel d'Able do Amaral - o mais novo abade beneditino do mundo católico - fez a revisão final e a apresentação do livro, mas conviveu pouco tempo com Dom Timóteo. Antes de se tornar religioso aos 30 anos, Dom Timóteo se formaria advogado e se dedicaria com afinco ao amor de uma mulher: sua esposa Jenny. "Só depois da morte dela é que ele entrou para o mosteiro", afirma.

Sinval Leão, diretor e sócio da Revista Imprensa, uma das mais importantes do país, viveu como poucos a encruzilhada existencial da época: de um lado, a possibilidade de, como seminarista beneditino, dedicar sua vida à placidez monástica e aumentar sua convivência com um líder religioso como Dom Timóteo. Do outro lado, a efervescência política das ruas. Optou pela segunda. Sobre Dom Timóteo, seu eterno paradigma, ele revela: "Seu caminho particular de chegar a Deus, por mais contraditório que pareça, foi acreditar no homem. Combine as idéias de Deus e homem e veja a química maravilhosa que se chega. É dose para santo."